



4697 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT15 - Educação Especial

EFEITOS NO USO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM UMA ALUNA COM AUTISMO

Carla Cordeiro Marçal Y Guthierrez - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

EFEITOS NO USO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM UMA ALUNA COM AUTISMO

Resumo

Sabe-se o quanto é desafiador ter um aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA em uma sala de aula comum, no ensino regular, principalmente quando esse aluno não é oralizado. A literatura científica nos comprova os efeitos do uso da Comunicação Alternativa e Ampliada – CAA na vida desses sujeitos, contribuindo para a comunicação e aprendizado. O objetivo do presente artigo é apresentar e analisar os efeitos no desempenho da comunicação de uma criança de 6 anos de idade, com autismo, através do uso de cartões de comunicação alternativa, tendo-se uma pesquisadora como agente de intervenção. Esta pesquisa foi realizada na sala do Atendimento Educacional Especializado - AEE em uma escola pública na cidade do Rio de Janeiro. O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa quase experimental, com um delineamento do tipo A-B. Houve um aumento na frequência de interação da aluna com a utilização dos pictogramas e com a professora, para isso utiliza-se o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS – *The Picture Communication System*), aplicado ao contexto do Currículo Funcional Natural (PECS-Adaptado).

Palavras-chave: Comunicação Alternativa e Ampliada – Transtorno do Espectro Autista – Atendimento Educacional Especializado

Introdução

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando aos sistemas de ensino para garantir acesso ao ensino regular com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino. Alguns estudos apontam que as tecnologias assistivas, mais especificamente as modalidades da Comunicação Alternativa e Ampliada - CAA, contribuem para a adequação do material e recursos necessários para o processo de inclusão.

O número de pesquisas tem crescido e estas propõem avaliar os efeitos da CAA, no processo de inclusão, para crianças com severa comunicação (Pelosi, 2000, 2008; Lauand, 2005; Walter, 2000, 2006; Nunes, 2009, 2010; Nunes e Danelon, 2009; Schirmer, 2012; Pelosi e Souza, 2012; Nunes e Gomes, 2014).

A Comunicação Alternativa se caracteriza por um conjunto de métodos e técnicas que facilitam a comunicação, ampliando as possibilidades de troca, de experimentação individual e de relacionamento com o outro (Von Tetzchner & Martinsen, 1996). Os Sistemas Alternativos e Ampliados de Comunicação, também chamados de comunicação não-oral ou comunicação aumentativa / suplementar / ampliada, referem-se a um ou mais recursos gráficos visuais e/ou gestuais que complementam ou substituem a linguagem oral comprometida ou ausente. A Comunicação Alternativa é utilizada como meio de efetuar a comunicação face- a - face de indivíduos incapazes de usar a linguagem oral. A comunicação suplementar ou ampliada, por outro lado, promove o apoio suplementar à fala (Nunes, 2003).

Observa-se, através de pesquisas, o quanto os cartões de Comunicação, seguidos de pranchas são frequentes por serem recursos simples para apresentar os símbolos gráficos ou fotografias em um espaço mais compacto.

A pesquisa realizada surgiu de uma necessidade do cotidiano escolar. Em 2018, através do sorteio de cotas para pessoas com deficiências, entra no 1º ano do ensino fundamental, uma aluna de 6 anos de idade com autismo e não oralizada. Os professores não utilizam os cartões de comunicação alternativa, nunca tiveram formação nesta perspectiva e ficam tentando atender as necessidades e demandas da aluna fazendo perguntas, porém sem respostas diretas. A aluna tem compulsão alimentar e no horário do recreio fica atrás dos amigos para pegar seus lanches. Não pede e come sem autorização. A aluna precisa de rotina, mas também comunicar-se com todos. **O objetivo desse artigo é apresentar e analisar os efeitos no desempenho da comunicação de uma criança de 6 anos de idade, com autismo, com o uso de cartões de comunicação alternativa, tendo-se uma pesquisadora como agente de intervenção.**

Verifica-se uma discussão sobre a formação de professores, sobretudo para o atendimento educacional especializado que é uma demanda real, pois é escassa a disseminação de ações de ensino no país, embora o mesmo tenha programas reconhecidos no âmbito internacional que abordam a educação de pessoas com necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2011). A demanda que surge para a formação de professores é demasiadamente grande, no sentido de garantir aos professores momentos de reflexão sobre a práxis, numa perspectiva dialética. Em se tratando de educação especial e o ensino colaborativo, a proposta é urgente. Diante disso, **como contribuir para formação continuada docente criando possibilidades do ensino colaborativo no uso da CAA?**

A aluna analisada não utiliza a fala como meio de expressão e interação social, diante disso, é preciso construir algo para que a comunicação entre ela, seus professores e amigos aconteça. Júlia^[1] passou o ano letivo de 2018 com horário

reduzido, chegando às 7:00 e saindo às 9:30. O objetivo das professoras têm sido estabelecer uma rotina escolar na aluna, tendo em vista não ter tido essa possibilidade em anos anteriores em outras escolas. No entanto, percebe-se o quanto a comunicação com a aluna tem sido algo penoso. Ela chora, mostra-se angustiada, faz xixi na roupa e cada dia tem sido um desafio comunicar-se e interagir socialmente. Essa pesquisa, em conclusão parcial, surge dessa necessidade. A entrada no uso dos cartões de comunicação alternativa pode contribuir para o avanço e comunicação de Júlia.

Pretende-se uma formação de professores, especificamente, um programa de formação docente no uso inicial dos cartões de comunicação alternativa. A troca de experiências a partir de trabalhos realizados no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na perspectiva da Educação Inclusiva pressupõe um diálogo, a troca de conhecimentos, formação continuada e saberes entre os participantes. O ponto de partida para o diálogo sobre as práticas docentes se dá pela entrada de uma estudante com autismo não moralizada na Instituição e pelo fato das professoras que atuam com esta aluna, não utilizarem o uso dos cartões de Comunicação Alternativa.

Antônio Nóvoa (2009) destaca que é preciso valorizar o 'aprender constante' dos professores como um dos elementos fundamentais para a melhoria da qualidade da educação no Brasil. Ele sinaliza que um dos grandes desafios dos professores é manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino, pois assim poderá desenvolver práticas pedagógicas eficientes. (NÓVOA, 2009, p.04). Sendo assim, segundo o autor, a formação de professores deve assumir um componente prático voltado para aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos. Já é tempo de se abandonar a ideia de que a característica principal do professor se define, sobretudo, pela capacidade de transmitir um determinado saber. Ora, esta ideia simplista, acrescida do pensamento de que ensinar é muito fácil, tem desprestigiado a profissão docente. Sabemos, entretanto, que o que caracteriza a carreira do professor é a sua prática, desenvolvida utilizando teoria e método, que faz o conhecimento docente acontecer (NÓVOA, 2009, p.05).

Analisa-se neste artigo os efeitos no uso da Comunicação Alternativa/Ampliada, pois essa constitui área de conhecimento multidisciplinar, que aos poucos foi sendo necessária ser introduzida nas escolas. Ela envolve o uso dos gestos manuais, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos (bidimensionais como fotografias, gravuras, desenhos e a linguagem alfabética e tridimensionais como objetos reais e miniaturas), voz digitalizada ou sintetizada, dentre outros, como meios de efetuar a comunicação face-a-face de indivíduos incapazes de usar a linguagem oral (Glennet, 1997; Nunes, 2003).

Cátia Walter (2011) traz uma discussão da formação inicial dos alunos do curso de Pedagogia com atuação na área de Tecnologia Assistiva (TA), com ênfase em na Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), na qual reflete a partir de uma proposta de abordagem problematizadora com o uso do PECS-Adaptado.

Método

A pesquisa foi realizada com uma criança do sexo feminino, de 6 anos de idade, com autismo, matriculada no 1º ano do ensino fundamental. A participante é oriunda de classe econômica baixa e possui dois irmãos. A família de Júlia percebeu que algo estava diferente em seu desenvolvimento somente após os 3 anos, pois até então, sua família estava com a atenção voltada para sua irmã gêmea que possui microcefalia e os cuidados estavam voltados para ela. Júlia tem acompanhamento de uma fonoaudióloga.

Local: Essa pesquisa foi realizada na sala de atendimento educacional especializado - AEE, de uma escola pública na cidade do Rio de Janeiro. Essa sala possui 4 mesas e 8 cadeiras, um computador, uma impressora e 4 armários com livros jogos didáticos-pedagógicos. A sala do AEE é refrigerada e utilizou-se esse espaço apenas com Júlia, a pesquisadora e os assistentes de pesquisa.

Instrumentos e materiais: Utilizou-se um celular, uma câmera fotográfica e filmadora Samsung; além do caderno de campo para registros necessários. Utilizou-se materiais e jogos didático-pedagógicos, assim como alimentos.

Procedimentos: Pretendeu-se contribuir para a interação da aluna através do uso de cartões de comunicação alternativa.

Procedimentos gerais: Essa pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética e da Instituição de ensino. Os participantes foram contactados pela pesquisadora que apresentou o Termo de consentimento. Coletou-se a assinatura do TCLE de todos os envolvidos.

Procedimentos específicos: Este estudo teve duração de 10 encontros com 10 sessões, 3 de linha de base e 7 de intervenção. O contato com a aluna foi de duas vezes por semana. Na linha de base, pretendeu-se utilizar alguns cartões para comunicação e interação com Júlia, oferecendo alguns jogos e materiais de seu interesse. Mas também, utilizou-se alguns alimentos para que ela aprenda e tenha autonomia para pedir e interagir, sobretudo com os cartões.

A Variável Independente foi implementada a partir da intervenção com o uso dos cartões de comunicação alternativa, a fim que haja interação entre os sujeitos. A professora disponibilizou materiais do interesse de Júlia e mostrou a ela a necessidade de pedir com o uso dos cartões. Além disso, estimulou-se a interação a partir desses momentos. A Variável Dependente será o desempenho do sujeito durante e após a intervenção. A validade interna está atrelada ao desempenho do estudo. A validade externa se dá pela aplicabilidade desse estudo particular para outros contextos. E, por último, a validade social se dá a partir do uso da comunicação alternativa para desenvolvimento da comunicação e interação, dentro e fora da escola.

Vale salientar, que Júlia é uma criança bastante comprometida, sobretudo em relação à interação social. Ela está sempre olhando para o alto e para os lados e com mínima intenção comunicativa.

Estudo 1 (lanche):

O objetivo deste estudo 1 foi de apresentar a aluna os cartões de comunicação alternativa, a fim de que houvesse uma intenção comunicativa no uso desses cartões.

Fase do Estudo 1	Número de Sessões	Duração média das sessões
Linha de base	3	10 minutos
Intervenção	7	10 minutos

Fase 1: Linha de base

O objetivo dessa fase foi a observação das formas usuais de comunicação da criança durante a atividade do lanche. Os pictogramas foram impressos em cartões de cor amarela, preferência da aluna, e foram posicionados ao alcance do sujeito e os lanches/objetos de interesse (suco, banana e biscoito), à sua vista, mas a uma distância maior. As sessões dessa fase foram livres, não estruturadas, isto é, com a pesquisadora interagindo livremente com a criança, sem oferecer

dicas ou sugestões quanto ao uso dos cartões.

Fase 2: Intervenção

Essa fase teve início após o término da linha de base. Ela constitui-se de interação semiestruturada da pesquisadora com a criança durante a atividade, utilizando o sistema de comunicação e os procedimentos naturalísticos de intervenção de linguagem: arranjo ambiental, técnicas de mando-modelo e espera.

Nessas sessões, a pesquisadora incentiva a criança a solicitar os objetos desejados posicionados fora de seu alcance, utilizando os símbolos pictográficos correspondentes. Como em um sistema de trocas, a criança fornecia à pesquisadora um cartão contendo a foto ou representação do objeto desejado e recebia, em seguida, o elemento solicitado. Durante essa fase era preciso pegar na mão da aluna em direção ao cartão. Houve intervenção/força física, caso contrário, a aluna não pegava o cartão.

Fidelidade (Integridade da VI):

Com o objetivo de avaliar o grau de fidedignidade das categorias comportamentais da pesquisa, a pesquisadora selecionou 25% das sessões experimentais e submeteu-as à análise de uma assistente de pesquisa. Após familiariza-se com os procedimentos empregados, a assistente categorizou as seguintes sessões:

1. Experimento 1:

- Estudo 1 (lanche) – três sessões de linha de base e 7 sessões de intervenção
- Para verificar a confiabilidade dos registros obtidos, foi utilizada a fórmula índice de concordância proposta por Fagundes (1985):

Fórmula: $A/A+D \times 100$.

A porcentagem média de acordo entre os observadores nas 10 sessões foi de 75%

Fidedignidade das observações/categorizações da VD: Com o propósito de verificar o grau de fidedignidade das categorias de respostas analisadas, foram avaliadas as sessões por meio dos vídeos. O cálculo de concordância foi feito por meio do índice de concordância descrito por Fagundes (1985). Fórmula: $A/A+D \times 100$. A porcentagem média de acordo entre os observadores nas 10 sessões foi de 75%

-

Análise dos dados:

A análise dos dados referentes ao experimento será apresentada a seguir:

1. Experimento:

1. Estudo 1 (lanche)

- **Procedimentos de ensino:** As porcentagens de utilização dos diferentes procedimentos de ensino da pesquisadora (1. pergunta aberta, 2. espera com objeto, 3. pergunta com símbolo) durante o Estudo 1 estão apresentados na figura 1 abaixo:



- **Figura 1: Procedimento de ensino:** Porcentagem de procedimento de ensino utilizados pela pesquisadora no Estudo 1. 1. Pergunta aberta; 2. Espera com objeto; 3. Pergunta com símbolo.

Durante o Estudo 1, a pesquisadora interagiu com a criança utilizando-se, com maior frequência, de perguntas acompanhadas por estímulos visuais (objetos ou símbolos). Ocorreram os procedimentos de espera, as perguntas sem pistas (perguntas abertas). Como exemplo de procedimento pergunta com dica de objeto segue-se o seguinte trecho retirado da 2ª sessão de intervenção com pergunta aberta:

"A pesquisadora olha para Júlia, segura o suco e pergunta: você quer lanchar?"

Como exemplo de procedimento de espera com dica de objeto segue extraído da 2ª sessão de intervenção:

"A pesquisadora olha para a aluna, pega a banana e o suco e pergunta: você quer a banana ou o suco?"

Como exemplo de procedimento de pergunta com símbolo segue extraído da 5ª sessão de intervenção:

"O que você quer comer agora: biscoito ou banana?" Com o cartão na mão...

"A pesquisadora olha para a aluna, pega a banana e o cartão e pergunta: você quer a banana?"

Durante essa fase, a aluna parecia compreender o que estava acontecendo, mas por maior parte do tempo, não tinha iniciativa para pegar os cartões. Era necessário a pesquisadora fazer a intervenção, conduzindo a mão da aluna ao cartão.

- **Procedimentos de ensino e respostas corretas:** As porcentagens de respostas corretas do sujeito aos procedimentos utilizados pela pesquisadora são apresentadas na Figura 2, abaixo:

-

Linha de base:

Figura 2 Linha de base: Em nenhum momento a aluna pegou o cartão. Não houve, neste momento, intervenção da pesquisadora.

-

Intervenção:

Figura 2 Intervenção: Houve intenção comunicativa. Quantidade de vezes que a aluna pegou o cartão para obter o que desejava.

Delimitação experimental: O estudo caracteriza-se como uma pesquisa quase experimental, com um delineamento do tipo A-B.

Validade social: A validade social se dará a partir do uso da comunicação alternativa para desenvolvimento da comunicação e interação, dentro e fora da escola.

Resultados

Mesmo com todo comprometimento da aluna, houve uma intenção comunicativa a partir da intervenção. É possível verificar que na etapa de linha de base, não houve nenhuma intenção comunicativa, nem sequer a aluna pegou no cartão. A partir da 2ª sessão de intervenção, com orientação e condução da pesquisadora, a aluna pegou o cartão e teve intenção comunicativa. Em troca dessa ação, recebia o que desejava. Verifica-se as mudanças na Variável Dependente após a introdução da Variável Independente, apesar do número de reduzido de sessões. Assim, é possível verificar a funcionalidade e fidedignidade da pesquisa.

Além disso, percebeu-se uma necessidade de formação continuada dos professores. Não é utilizado a CAA na sala de aula e no cotidiano escolar. Diante desse dado, faz-se necessária a criação de um Programa para Formação de Professores no uso inicial dos cartões de comunicação alternativa e ampliada.

Discussão

A comunicação humana é uma troca de sentimentos e necessidades entre duas ou mais pessoas. “Quando uma mensagem deve ser transmitida, tipicamente as pessoas utilizam a linguagem, que, quer falada, escrita, ou por sinais, envolve um sistema que transmite um significado” (BOONE; PLANTE, 1994, pg. 83).

Bloom (1983) definiu a linguagem como um código usado para transmitir ideias sobre o mundo que nos cerca. Este código seria representado por um sistema convencional de signos arbitrários, que serviriam para comunicar as ideias. Segundo esta definição, as palavras chave da linguagem seriam: código, convenção, sistema e comunicação.

Dessa maneira, entende-se urgente e necessário o uso dos cartões de comunicação alternativa no cotidiano escolar. Esta pesquisa nos trouxe uma análise do quanto é possível contribuir para a autonomia, independência e interação das pessoas com autismo que não possuem falas articuladas e/ou não são oralizadas.

Esse estudo traz uma relevância científica, sobretudo nas experiências de pesquisa quase-experimental. Além de comprovar que é possível proporcionar autonomia e desenvolvimento de uma criança com autismo, principalmente em relação a sua interação e comunicação.

Ora, o emprego dos recursos da comunicação alternativa, envolvendo gestos manuais, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos (utilizados nesta pesquisa), possibilita a comunicação face a face da criança.

Negar o direito de expressão às pessoas com autismo não é possível, sobretudo no cotidiano escolar. É preciso proporcionar e estimular as melhores condições de comunicação desses sujeitos. Isso se dá de uma maneira clara, objetiva, evidente e padronizada. Por isso, faz-se necessário criar programas alternativos de comunicação para suprir as necessidades comunicativas tanto no cotidiano escolar, quanto na família.

O CAA facilita interação entre os sujeitos e devem proporcionar o estreitamento entre as relações, mas também, contribuir para uma vida independente, autônoma e de expressões de sentimentos e/ou emoções. Assim, ao conseguir estabelecer um canal comum de comunicação, a pessoa com autismo diminui seus comportamentos inadequados e substitui esse distúrbio de conduta por um comportamento comunicativo mais claro e eficaz.

Referências:

- BARROS, M. S. F. e MORAES, S. P. G. Formação de Professores: expressão da complexidade da prática pedagógica. In: MACIEL, L. S. B.; PAVANELLO, R. M.; MORAES, S. P. G. (orgs). **Formação de Professores e Prática Pedagógica**. Maringá: Eduem, 2002. cap. 2, p. 15-31
- BOONE, D. R.; PLANTE, E. Comunicação Humana e Seus Distúrbios. [tradução de Sandra Costa]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BLOOM, L. Of continuity and discontinuity and the magic of language development. In: GOLINKOFF, R.M. (ed). *The Transition from Prelinguistic to Linguistic*. New Jersey: L. E. A., 1983.
- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial – educação especial, um direito assegurado. Brasília: MEC / SEESP, 1994.
- _____. Comitê de Ajudas Técnicas, ATA VII. 2007 Disponível em: www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/comite_at.asp.
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96). Brasília, 1996.
- _____. Comitê de Ajudas Técnicas. ATA V. 2007. Disponível em: www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/comite_at.asp.
- _____. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.
- _____. Resolução nº 4, de 02/10/09. Institui Diretrizes Operacionais para o AEE na Ed. Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, 2009.
- COOK, L.; FRIEND, M. Co-teaching. Guidelines for creating effective practices. *Focus on Exceptional Children*. V.28, n. 3, p. 1-16, 1993.
- FAGUNDES, Antonio Jayro da Fonseca Motta. *Descrição, definição e registro de comportamento*. São Paulo: EDICON, 2017.
- FERNANDES, E. M. A escola Regular e a Escola Especial: a dialética de inclusão. In: **Anais do XI Congresso da Federação Nacional das Associações Pestalozzi e do I Fórum Internacional da Fenasp**. p. 229-232. Niterói: RJ, Nota Bene, 2006.
- FONTES, R. de S. **Ensino Colaborativo: uma proposta de Educação Inclusiva**. 1. ed. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2009.
- GATTI, A. Bernadete. A formação dos docentes: o confronto necessário professor x academia. **Cadernos de Pesquisa**, n.81, maio. SP: 1992.
- GLAT, R. A educação especial no contexto da escola inclusiva: diretrizes políticas e ações pedagógicas. **Relatório Prociência**. Rio de Janeiro, 2010. (Questões atuais em Educação Especial, v. VI), Editora Sete Leras, p. 15-35, Rio de Janeiro, 2007.
- _____. & PLETSCHE, M. D. Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. **Série Pesquisa em Educação**. Editora EduERJ, Rio de Janeiro, 2012.
- LAUAND, G. *Fontes de informação sobre Tecnologia Assistiva para favorecer a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais* (tese). UFSCAR, 2005.
- LONGAREZZI, Andrea Maturano, NUNES, Ana Tereza Teixeira, SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves, PINHEIRO, Nilza Consuelo Alves. A Unidade teoria e prática no contexto da formação de professores. 2007 Disponível em: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/248>. Acesso em 25 mai. 2015.**
- MENDES, E. et al. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos, SP: Ed. UFSCAR, 2014.
- NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09. Acessado em 25/07/2016.
- _____. **A Universidade em tempos de crise**. Rio de Janeiro: UERJ, 14 de junho de 2016. Palestra proferida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro para professores, alunos e funcionários.
- NUNES, Leila Regina d'Oliveira e SCHIRMER, Carolina Rizzoto (Org.) *Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017. 344p.
- Nunes, L. R. O. P. (2003) Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais (pp. 125 - 141). Rio de Janeiro: Dunya.

NUNES, Debora e GOMES, R. *"Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola com autismo na escola regular: uma proposta de intervenção"*. Educação e Pesquisa, v.40, pp. 143-61, 2014.

_____ e DANELON, M.C. *"A pesquisa na sala de aula: um caminho acidentado"*. In BAPTISTA, C. e JESUS, M. (orgs). *Conhecimento e margens: ação pedagógica e pesquisa em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 2009, pp. 123-39.

_____. *"Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla"*. Relatório de Pesquisa financiado pelo CNPQ, 2009.

PELOSI, M. B. *A comunicação alternativa e ampliada nas escolas do Rio de Janeiro: formação de professores e caracterização dos alunos com necessidades educacionais especiais* (dissertação). URJ, 2000.

_____. *Inclusão e Tecnologia Assistiva* (tese). UERJ, 2008.

_____ e SOUZA, V.L.V. *"O funcionamento das salas multifuncionais e o perfil de seus professores"*. In MENDES, E.G. e ALMEIDA, M. A. (orgs.). *A pesquisa sobre inclusão escolar em suas múltiplas dimensões: teoria, política e formação*. Marília: ABPEE, 2012, pp. 197-218.

SCHIRMER, C. R. *Comunicação Alternativa e formação inicial de professores para a Escola Inclusiva* (tese). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

SCHWARTZMAN, J. S. & ASSUMPCÃO, F. B. A. (1995). *Autismo Infantil*. São Paulo: Memnon; 1995 von Tetzchner, S. & Martinsen, H. (1996). *Words and strategies: Communication with young children who use aided language*. In: von Tetzchner, S. E Jensen, M. H. (Eds.), *Augmentative and alternative communication: European Perspective*. London, UK: Whurr: pp.65-88.

WALTER, C.C.F. *Os efeitos da adaptação do PECS ao currículo funcional natural em pessoas com autismo infantil* (dissertação). UFSCar, 2000.

_____. *Avaliação de um programa de comunicação alternativa e ampliada para mães de adolescentes com autismo* (tese). UFSCar, 2006.

[1] Nome fictício